

## Maumaus as Subject

Avery F. Gordon

'Parting with the Bonus of Youth—Maumaus as Object' is a classically conceived conceptual exhibition: elegant, proportional, and with just enough wit to lighten the pedagogical weight. It was a pleasure to wander through it in the late afternoon quiet, accompanied by one of its curators providing insightful commentary about this piece and that. The exhibition generously offers a decent seat to pause to skim a book from the 'Enver Hoxha Library', created out of a seminar run by the philosopher Alberto Toscano at the Maumaus Independent Study Programme some years ago, or to watch a bit of the two-hour-plus *Reformzirkus*, a 1970 German television programme in which Alexander Kluge is grilled about the relationship between society and film and in which he elaborates and also performs his political aesthetics by, among other things, disrupting the format and decorum of the television show itself.

The Kluge film draws my attention. Maumaus is a Portuguese institution connected to Germany as well as to other countries in crucial ways. Early on in the discussion, Kluge is asked how to make films that 'touch, reach and or change society'. He answers that the 'means we've been using for producing for an anonymous audience won't get us far'. 'Our notion,' he says, 'is that the film exists in the heads of the audience. The audience is the film's producer and authors only create films through this dialogue with the audience.' His interlocutors are not satisfied, they push. Do you want to change society or not? Kluge tilts his head as if to say no, displacing the question as posed. 'First one has to clarify the political prerequisites.' Again, his interlocutors don't quite understand what he means by the term political prerequisites, succinctly described by C. Wright Mills in his last book *The Causes of World War Three* (1958): 'Our struggle for peace must be a political struggle over the very means of power required for that struggle.' Or, they just don't like what Kluge is getting at. They interrupt and query him about aesthetics. Kluge is impressively confident, patient, and to the point. First, he says, I must be free and independent of 'markets and distributors' so as to autonomously 'manage my material' and be 'in dialogue with the audience.'

This is the point in the television programme when the debate intensifies and soon it will exceed the bounds of the format, Kluge thereby beginning to answer more defiantly the question of what comes second. It's interesting, but matters less to me here than the political prerequisites Kluge outlines. For these constitute elements of a practice of intellectual and creative work that define Maumaus as well, but define it not so much as an object, but as a place of organised study. The elements of this practice of organised study are independence from capitalist markets, traders and purveyors, self-organised thought and artistic practice, and dialogue between the community of teachers, students, artists, intellectuals, writers, curators, office managers, carpenters, significant others, imagined audiences, superegos and so on that produce Maumaus and its various 'objects of interest'.

The Kluge film stands like a flickering sentinel over the whole space. Through free association and a certain kind of assembly, both provoked in the exhibition as a whole and rendered architectural in the stepped seating in front of its projection, the film keeps watch and also brings into the exhibition what is less visible within the space: Maumaus as a living subject. This is the Maumaus, ordinary and remarkable, I know best after several years of teaching there. The finding of the right dates each year, the decision about what the four-day teaching schedule should cover, the advance description of what each year's cohort is like, including their strengths and weaknesses, the little classroom that was at 100 Campo dos Mártires da Pátria for years and years and could get so, so hot in summer, the long days of teaching and talking and looking and watching together begun and finished so quickly, my feeling as if I never get to see enough of Lisbon spending all my days with the students, the up and down the stairs to what used to be the wonderful and spacious teacher's lodging, the external door key I could never get to work right, the pleasure of seeing Carlos again and his, Andreia's and Ines's helpfulness, the ongoing conversations with Jürgen and our many meals together. While each member of the ongoing and changing Maumaus audience, in Kluge's sense of that term, will have their own experiences, the accumulation of them over almost 30 years constitute a living culture, which, in its own way, clarifies and instantiates some of the political prerequisites necessary for doing the hard work of building, maintaining, and making flourish independent uncompromising projects of art education, publication and exhibition.

I'm not only here keeping secret the proper name — and the work they do — which the authorial phrase 'a solo show by Maumaus' disguises, I'm also



Algun día, de noche, entre las montañas,  
No comprendo los momentos más caros, cuando cantaba, apenas  
Bastaba. De pensamientos de lazo de arena, que tienen en el  
cuerpo a través, como si fueran, y sus labios se abren en  
compañía como aves que si sus volutas, se elevan en el cielo, y  
van de izquierda a derecha, en línea más importante que cualquier  
otra elevación en Caracas.

Usaré mi vida de nuevo y la vida empieza. Pueden ser cosas bonitas  
pero, más temprano que tarde, en momentos de la vida. Por eso  
quiero ir a vivir, a vivir en la vida, a vivir en la vida. Trabaja  
y trabaja. El corazón a veces se cansa. El amor que tiene  
hoy más, cuando se siente, cuando se siente para  
vivir, cuando se siente, cuando se siente como  
una persona.



Dock-Cinema  
**Wole Soyinka e Léopold Sédar Senghor**  
 – Um Diálogo Sobre a Negritude  
 um filme de Manthia Diawara  
 4a - dom | 15h00 | 16h00 | 17h00 | 18h00 | entrada gratuita

## A Maumaus como Sujeito

Avery F. Gordon

*Parting with the Bonus of Youth – Maumaus as Object* é uma exposição conceptual de composição clássica: elegante, proporcional e com a dose certa de sagacidade para aliviar o peso pedagógico. Foi um prazer passear pela exposição naquele calmo fim de tarde, acompanhada de um dos curadores que ia fornecendo perspicazes comentários sobre uma ou outra peça. De forma generosa, a exposição oferece um sítio confortável para nos sentarmos e fazermos uma pausa enquanto folheamos um livro da «Biblioteca de Enver Hoxha», criada a partir de um seminário orientado há alguns anos pelo filósofo Alberto Toscano no âmbito do Programa Independente de Estudos da Maumaus; ou para vermos um excerto das mais de duas horas do programa televisivo alemão *Reformzirkus*, de 1970, no qual Alexander Kluge é persistentemente questionado acerca da relação entre a sociedade e o cinema, e no qual o realizador elabora e executa a sua estética política através da perturbação do formato e do decoro do próprio programa televisivo, entre outros mecanismos.

O filme de Kluge chama-me a atenção. A Maumaus é uma instituição portuguesa ligada à Alemanha e a outros países de forma determinante. No início do debate, Kluge é questionado sobre como fazer filmes que «toquem, alcancem ou mudem a sociedade». O realizador responde que os «meios que temos usado na produção para um público anónimo não nos vão levar longe». «Nós temos a noção», continua, «de que o filme existe na mente do público. O público é o produtor do filme, e os autores só criam filmes através do diálogo com o público». Os interlocutores não ficam satisfeitos e continuam. Quer mudar a sociedade ou não? Kluge inclina a cabeça, como que a negar, evitando a pergunta assim formulada. «Primeiro temos de clarificar os pré-requisitos políticos». Uma vez mais, os interlocutores não entendem bem o que ele quer dizer com a expressão

«pré-requisitos políticos», sucintamente descrita por C. Wright Mills no seu último livro *The Causes of World War Three* (1958) [editado em português em 1961 por Jorge Zahar com o título *As Causas da Próxima Guerra Mundial*]: «A nossa luta pela paz [...] deve ser uma luta política pelos meios de poder necessários para essa luta». Ou então simplesmente não gostam de aonde Kluge quer chegar. Interrompem-no e fazem perguntas sobre estética. Kluge demonstra uma confiança, paciência e pertinência impressionantes. Primeiro – diz – é preciso ser livre e independente dos «mercados e distribuidores», de modo a «gerir o meu material» de forma autónoma e estar «em diálogo com o público».

É aqui que o debate se intensifica, rapidamente excedendo os limites do formato do programa televisivo quando Kluge começa a responder mais provocadoramente à pergunta sobre o que fica em segundo plano. É uma discussão interessante, mas neste caso não me interessa tanto quanto os pré-requisitos políticos delineados por Kluge, pois estes constituem elementos de uma prática de trabalho intelectual e criativo que também define a Maumaus, não tanto como objeto, mas como um lugar de estudo organizado. Os elementos desta prática de estudo organizado são a independência dos mercados capitalistas, comerciantes e fornecedores, a prática artística e o pensamento auto-organizados, e diálogo entre a comunidade de professores, alunos, artistas, intelectuais, escritores, curadores, diretores de departamentos, carpinteiros, entes queridos, públicos imaginados, superegos e outros mais que produzem a Maumaus e os seus diversos «objetos de interesse».

O filme de Kluge vela sobre todo o espaço como uma sentinela tremeluzente. Através da livre associação e de um certo tipo de montagem, ambos evocados na exposição como um todo e traduzidos na arquitetura através dos bancos em escada à frente da projeção, o filme vigia e traz para a exposição aquilo que é menos visível no espaço expositivo: a Maumaus enquanto sujeito vivo. Esta é a Maumaus, simples e surpreendente, que conheço melhor após vários anos a ensinar lá. A procura das datas certas todos os anos, a decisão acerca dos assuntos a abordar ao longo do programa de estudo de quatro dias,

making it all sound more orderly and even more banal than it is. The ‘it’ being Maumaus itself and the struggle over the means of struggle, that is, the instantiation of the political perquisites. As Fredric Jameson noted about Kluge’s ‘qualitative leaps into incommensurable dimensions’, he wanted to convey a ‘way of doing things’ in a ‘disordered reality’ that required ‘one learn in the middle of errors.’<sup>1</sup> This desire, rooted in knowing the importance of a mode of production to what is produced, while at the same time knowing how difficult it is to convey that mode of production in any real relational sense, remains, I think, an appropriate one to watch over both Maumaus as object and Maumaus as subject.

(1) Fredric Jameson, ‘Fredric Jameson on Oskar Negt and Alexander Kluge’, 25 February 2016, available at <https://www.versobooks.com/blogs/2516-fredric-jameson-on-oskar-negt-and-alexander-kluge> (accessed 26 April 2020).

a descrição prévia da turma de cada ano, incluindo os seus pontos fortes e fracos, a pequena sala de aulas situada no número 100 do Campo dos Mártires da Pátria durante tantos anos e que ficava insuportavelmente quente no verão, os longos dias a ensinar, conversar, observar e ver em conjunto, que começavam e terminavam tão depressa, a minha sensação de nunca ver o suficiente de Lisboa por passar todos os dias com os alunos, o subir e descer de escadas para o que costumava ser o maravilhoso e espaçoso alojamento dos professores, a chave da porta da rua que nunca consegui que funcionasse bem, o prazer de voltar a ver o Carlos e a solicitude dele, da Andreia e da Inês, as conversas permanentes com o Jürgen e tantas refeições partilhadas. Enquanto cada elemento do contínuo e dinâmico público da Maumaus, no sentido que lhe é dado por Kluge, terá as suas próprias experiências, a acumulação destas ao longo de quase 30 anos constitui uma cultura viva que, à sua própria maneira, clarifica e instancia alguns dos pré-requisitos políticos necessários para o trabalho árduo que é

construir, manter e fazer florescer projetos editoriais, expositivos e de educação artística simultaneamente independentes e intransigentes.

Não estou só a manter secreto o nome adequado – e o trabalho feito – que se esconde por detrás da expressão autoral «uma exposição individual da Maumaus», mas também a tornar tudo mais ordeiro e até mais banal do que é. O “tudo” refere-se à própria Maumaus e à luta pelos meios de luta, ou seja, a instanciação dos pré-requisitos políticos. Tal como referiu Fredric Jameson acerca dos «saltos qualitativos [de Kluge] para dimensões incomensuráveis», este queria transmitir «uma forma de fazer as coisas» numa «realidade desordenada» que exigia «aprender no meio de erros».<sup>1</sup> Este desejo, enraizado no conhecimento da importância de um modo de produção para o que é produzido, ao mesmo tempo que se entende quão difícil é transmitir esse modo de produção de uma qualquer forma relacional real, permanece, a meu ver, um modo apropriado de olhar a Maumaus como objeto e a Maumaus como sujeito.

(1) Fredric Jameson, ‘Fredric Jameson on Oskar Negt and Alexander Kluge’, 25 de fevereiro de 2016, disponível em <https://www.versobooks.com/blogs/2516-fredric-jameson-on-oskar-negt-and-alexander-kluge> (consultado em 26 de abril de 2020).

